

# A MORTE DO ATLETA

ANA AMELIA DE QUEIROZ CARNEIRO DE MENDONÇA

Quando tombou inerte aquêlo corpo  
 Em que a vida soubera ser tão linda,  
 em que os músculos todos  
 eram força, harmonia e movimento,  
 vigor e plenitude;  
 aquêlo corpo, que, ha tão pouco ainda  
 era um ritmo de força e de saúde,  
 uma expressão serena de beleza,  
 um glorioso florão da natureza,  
 todas as coisas palpitaram de revolta,  
 todas as árvores tremeram,  
 todos os astros empalideceram.

Pelos campos de luta  
 Em que os atletas se adestravam  
 correu um frêmito de dôr.  
 Pelas praias sonoras  
 em que os atletas se banhavam  
 ouviu-se um lúgubre clamôr.

Quando o corpo do atleta  
 tombou inerte sôbre a terra,  
 todos os poetas  
 que viam nêle a vida  
 maravilhosa e forte  
 vencida pela morte,  
 tinham a nítida impressão  
 de que êle não podia  
 ficar assim tombado  
 como um farrapo atirado ao chão.

E que depressa, transfigurado,  
 êle havia de erguer-se,  
 levantar-se de novo,  
 desafiando a vida transitória,  
 tão frágil e tão fátua,  
 para ficar, rígido e frio,  
 numa atitude de vitória  
 — mármore esplêndido e sem jaça —  
 formando a sua própria estátua  
 para exemplo do nosso povo  
 e grandeza da nossa raça.

